

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA TUTORIA COM ACADÊMICOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

MOISÉS HERES LEMÕES¹; SINARA VEIGA FAUSTINO²; GEAN CARLOS BRANDÃO³; MIRIAN PEREIRA BOHRER⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – heresmoises@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – veigasinar@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – karlos867gean@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – nai.ufpel.aee@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Tutorias Acadêmicas entre pares constitui uma das iniciativas do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI da UFPel, do qual fazemos parte, trazendo a proposta de desenvolvermos tutorias acadêmicas com estudantes com deficiência ou com autismo, semanalmente, nos espaços de nossa universidade, contribuindo para sua permanência com qualidade no ensino superior.

Neste trabalho abordaremos questões relacionadas à acessibilidade das pessoas com deficiência visual (DV) nos ambientes acadêmicos, considerando elementos que contribuem para o alcance da igualdade e equidade de aprendizado e que se integram no acompanhamento dado pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), por intermédio das tutorias acadêmicas, as quais disponibilizam a estudantes com DV receberem apoio de bolsistas tutores (as) para auxiliá-los (as) no desempenho das suas atividades no contexto universitário, como o uso de softwares que permitem o acesso aos conteúdos dos cursos de graduação.

Este trabalho busca também fomentar as discussões acerca das diferentes barreiras que os (as) alunos (as) com deficiência ou autismo enfrentam, proporcionando uma reflexão que não deve se limitar apenas aos muros da universidade e, sim, debatida em toda a sociedade. Como afirmam Castanho e Freitas “(...) as Universidades configuram-se como um espaço de construção e trocas de conhecimento além de convívio social” (2011, p. 94), assim é importante o acompanhamento do (a) estudante com DV para que se sinta realmente parte da universidade e usufrua de tudo o que ela pode oferecer.

Esta pesquisa se insere na área da Educação e no decorrer deste texto buscaremos tratar, também, as questões que ainda precisam ser aprimoradas para garantir a plena acessibilidade deste alunado, atendendo assim, suas especificidades e garantindo sua inclusão.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, antes do contato com os tutores e tutoras, os (as) acadêmicos (as) com deficiência ou com autismo passam por um atendimento educacional especializado, realizado pelo NAI, no qual é orientada a necessidade de acompanhamento do percurso formativo na universidade deste (a) discente por parte de tutores ou tutoras bolsistas do NAI. Já no início das tutorias, o NAI realiza as formações pedagógicas de tutores (as), com o objetivo de nos orientar nesse processo.

Nós, bolsistas tutores e tutoras do programa de tutorias entre pares do NAI realizamos encontros semanais com os (as) acadêmicos (as) em tutorias,

auxiliando-os (as) na leitura de textos, scaneando livros e artigos pelo scanner falado, pois tais softwares contribuem de modo efetivo no acesso de estudantes com DV nas universidades, alguns deles, como o DOSVOX, Virtual Visione Scanner Falado, auxiliam estes (as) acadêmicos (as) nos conteúdos das disciplinas de seus cursos de graduação. O (A) estudante com DV costuma fazer a entrega dos conteúdos das disciplinas aos (às) tutores (as), que manipulam o scanner e transformam estes arquivos de texto em voz para que os mesmos possam ser ouvidos. Além da utilização desses softwares, os temas são lidos em voz alta pelos (as) tutores (as) para que as pessoas com DV façam suas anotações no computador utilizando o DOSVOX. Este programa, instalado no computador “fala” tudo que está sendo digitado pelo (a) aluno (a) com DV, facilitando a compreensão.

Os encontros para fins de tutoria geralmente ocorrem de duas a três vezes por semana com tempo de duração variado conforme indicação da Educadora Especial do (a) acadêmico (a) em tutoria. A realização das atividades descritas acima somada à troca de experiências entre tutor (a) e tutorado (a) contribui diretamente para que o (a) tutor (a) se “coloque no lugar” da pessoa com DV e, assim, passe a pensar em outras questões que envolvem a promoção e garantia da acessibilidade e da inclusão, dentre elas a locomoção dessas pessoas dentro da universidade, a relação deles (as) com seus professores (as) e colegas do curso, o desenvolvimento da empatia das pessoas para alcançarmos a acessibilidade atitudinal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tutoria vem sendo percebida como um importante instrumento para promover a permanência de alunos (as) com DV na universidade, além da experiência para ambos, aprende-se e ensina-se em cada tutoria. O (A) bolsista-tutor (a) acompanha, em conjunto com o NAI, o progresso discente, assim há um trabalho permanente de parceria entre o Núcleo e os (as) bolsistas, que contribui para mudanças dentro do contexto universitário.

O NAI realiza formações pedagógicas para tutores, com o objetivo de orientar as tutorias e qualificar nossas práticas, procura estar sempre a par das atividades desenvolvidas, das dificuldades que surgem auxiliando, assim, a troca entre tutor (a) e tutorado (a). As formações pedagógicas são um espaço importante para o compartilhamento de experiências e relatos entre nós tutores (as), um espaço onde podem ser apontadas dificuldades e desafios e a forma com que foram superados.

Associado à tutoria vem um crescimento não só em experiência, mas também em conhecimento e humanidade, o que nos propicia uma nova percepção de mundo, onde se revela que a maior limitação que a pessoa com DV enfrenta é aquela imposta por fatores que não estão relacionados a sua deficiência, mas a falta de meios adaptados, sendo isso o maior responsável pela barreiras ao acesso e à inclusão.

4. CONCLUSÕES

Nos últimos processos seletivos da Universidade Federal de Pelotas por conta da implantação da reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino, amparada pela Lei 13.409/2016, houve um aumento significativo de ingressantes cotistas por deficiência, isso mostra a importância de um trabalho voltado para a

inclusão, mas ainda há muito pela frente. Dentro dos muros da universidade ainda há obstáculos, tanto no que diz respeito à acessibilidade física, quanto no preconceito que ainda existe.

Com os maiores números de ingressantes cotistas por deficiência é importante ressaltar que não basta apenas garantir o ingresso deste (a) estudante na universidade, é preciso assegurar e viabilizar a permanência e qualidade no ensino. À vista disso, percebe-se o papel relevante das tutorias e do acompanhamento do NAI durante a jornada acadêmica.

É preciso aprender com as diferenças, incluir as pessoas com deficiência em todos os espaços e eventos da UFPEL, repensar práticas e ações dentro do ambiente universitário, engajar-se para uma universidade mais inclusiva, acolhedora de todos e de todas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHO, Denise Molon; FREITAS, Soraia Napoleão. **Inclusão e prática docente no ensino superior**. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, p. 85-92, nov. 2011. ISSN 1984-686X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4350>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SITE. NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/>. Acessado em 25 de agosto de 2018.

BRASIL. Lei Nº 13.409, de 28 de Dezembro de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/L13409.htm. Acesso em 28/08/2018.